

XI ENAPOL

Boletín hacia el XI ENAPOL

Ap**ERTURA** #3

Boletim rumo ao XI ENAPOL

- Flory Kruger
- Ram Mandil
- Alejandro Reinoso

RUBRICA 1 **TRANSFERÊNCIA**



Flory Kruger - EOL

Se Freud ao chegar aos Estados Unidos disse: “não sabem que trazemos a peste”, na Argentina essa peste se alastrou como uma epidemia no sentido de sua extensão, mas como um benefício no sentido de seus efeitos. É por essa razão que a psicanálise se instalou, chegando a todas as classes sociais, sendo praticada em hospitais, centros de saúde e consultórios. Seu ensino também se difundiu de maneira exponencial, em universidades, pós graduações, mestrados e grupos de estudo.

Quando algo abala a vida de um ser humano, confrontando-o a um sem sentido, o que o faz procurar um analista? Com certeza é porque alguém de sua família se analisa, ou algum amigo, ou porque o médico o encaminhou, mas é fundamentalmente pela demonstração de sua efetividade. Na minha experiência muitos pacientes chegam depois de terem passado por outras terapias sem obter os resultados esperados. Embora hoje existam terapêuticas diversas, a demanda à psicanálise continua importante e numerosa.

O encontro com um analista não é suficiente para que alguém inicie uma análise. É aqui que a transferência entra em jogo, já que ela é a condição de uma análise. Como se instala a transferência? É pela resposta do analista, isto é, é pela interpretação, que a transferência surge. Freud a descobriu pela via do amor, mas sempre teve claro que avançar pelo caminho do amor seria um engano, já que, para ele, o amor de transferência é a repetição de laços libidinais infantis. Mas, sobretudo, o amor é o recurso para obturar a emergência da pulsão.

Lacan nomeia o amor de transferência como efeito da transferência e o localiza no eixo imaginário. Neste sentido, a transferência é obstáculo à emergência do sujeito. Para Lacan a transferência só pode ser pensada a partir do sujeito a quem se supõe o saber, o que se supõe nele é saber a significação. Supõe-se saber ao sujeito pelo fato de ser sujeito do desejo, mas o que faz sua aparição em primeiro

lugar, a nível do tratamento, é o efeito de transferência que é o amor. O efeito de transferência se opõe à revelação. Portanto, permanecer na dimensão do amor é desconhecer o desejo. A posição do analista é ir contra o amor de transferência para permitir que a pulsão se descole dela. O analista deve conseguir retirar da pulsão a maquiagem imaginária do amor. Adiante, Lacan dará outra definição da transferência: a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente.

Tradução: Eduardo Vallejos

Revisão: Glacy Gonzales Gorski

RUBRICA 2

TEMPO/TEMPORALIDADE



A entrada na dimensão temporal de uma análise

Ram Mandil - EBP

Uma análise precisa de tempo. Não apenas de um tempo de duração, mas do fator tempo, que Lacan soube extrair tanto de sua dimensão cronológica quanto psicológica, para dar-lhe um estatuto lógico-epistêmico ao mesmo tempo que libidinal.

Associamos comumente o início de uma análise ao instante de ver. Mas

caberia também considerar a entrada em análise como tributária de um momento de concluir, de uma descontinuidade em relação ao modo como o sujeito vinha, até então, lidando com o seu mal-estar. Podemos dizer que uma demanda de análise traz consigo a marca de uma precipitação - mais ou menos evidente - e que levou à busca de um analista.

Nesse sentido, iniciar uma análise também diz respeito à entrada numa tensão temporal própria à experiência. Tensão essa a ser entendida como a presença de um campo de forças que produz efeitos tanto na relação do analisante com o saber quanto nos modos de manifestação do amor de transferência, bem como sobre as formas de satisfação dos sintomas. E sabemos que uma sessão analítica é o lugar privilegiado onde essa tensão temporal se realiza.

A tensão temporal de uma análise é também uma tensão epistêmica. Trata-se de uma tensão que, diante de um enigma ou frente a um estado de perplexidade, permite operar a passagem do tempo de espera para o da precipitação através da sua conversão em pressa, por vezes em urgência.

Conhecemos a passagem de Lacan no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”¹ na qual evoca o tempo da urgência, mais especificamente sua referência à “urgência que preside a análise”. Há aqui uma indicação sobre a necessidade de reconhecer uma pressão por satisfação que está na raiz de cada demanda de análise e que também participa de sua conclusão. Trata-se, portanto, de uma satisfação indissociável da pressa. Vale lembrar que em seu *Seminário 2* Lacan faz referência à pressa como forma “de ligação própria do ser humano com o tempo, com o carro do tempo que está aí, a esporeá-lo por detrás”². A pressa é, inclusive, um fator intrínseco à condição de ser falante, uma vez que é justamente na pressa “que a fala se situa”, diferentemente da linguagem “que, ela, dispõe do tempo inteiro”.

Se dizemos que a urgência pode ser tratada através da introdução do tempo de compreender, isso não nos autoriza a perder de vista a pressão por satisfação que aí permanece subjacente. Mas Lacan mesmo se pergunta: é possível uma análise satisfazer essa urgência que, em maior ou menor grau, atravessa a experiência do início ao fim? Quanto a isso, ele estabelece condições: que o analista possa não apenas colocar-se a par dessa urgência, mas também procurar dela fazer-se par.

Para concluir: a referência a uma tensão temporal própria da análise contrapõe-se ao “sonho de eternidade” que muitas vezes se manifesta na busca por soluções que estivessem imunes ao tempo. Podemos dizer que a fantasia é uma versão desse sonho, como morada de um tempo que não passa. E se há algo que indica a sua vacilação é justamente o encontro, muitas vezes inesperado, com a súbita passagem do tempo. E é justamente quando o tempo sai do trilho dos circuitos pré-estabelecidos (quando “*time is out of joint*”, dirá Hamlet) que, da espera à urgência, do instante à conclusão, da inércia à precipitação, haverá chance para novos arranjos com a libido.

¹ Lacan, J., (1976) “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 567-569.

² Lacan, J., (1954-1955) *O Seminário, Livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 365.

RUBRICA 3

PERSPECTIVA DO SINTOMA



A precipitação do sintoma analítico e a *suppositio*

Alejandro Reinoso - NEL

O último ensino de Lacan se orienta com outra bússola, aquela do sintoma que se inaugura com o enunciado *existe o Um*.

O sintoma não é mais uma pergunta, mas uma resposta à existência, do Um que é o sujeito.

Jacques-Alain Miller
"O Um sozinho", aula de 4 de maio de 2011
(inédito) Tradução livre.

O sintoma analítico se precipita na entrada em análise¹. Sai de um estado selvagem em direção a uma formalização enodada à transferência. O sintoma no início das entrevistas preliminares é uma perturbação da ordem universal, é algo do que não funciona, enquanto o sintoma analítico supõe a abertura a um deciframento no sujeito. Com efeito, é signo de portas abertas à interpretação².

O registro interpretável emerge articulado a uma crença que atravessa o próprio sintoma. Essa precipitação tem uma dupla dimensão: algo cai e se transforma em um *cassus* para o próprio sujeito; e, temporalmente, a pressa da entrada articulada ao desejo do Outro, não somente ao alívio, começa a se impor. Ambas são parte da arquitetura da demanda de análise. Nesse ponto o analista é incluído no sintoma e o SsS se acende.

No último ensino, o sintoma como acontecimento de corpo, não somente não tem sentido, mas apresenta uma opacidade, um limite na vertente interpretável, contudo, na via da constatação³ é possível operar a nível da captura do sintoma enquanto real. É o Um do gozo o que se constata. O analista dá provas disso.

¹ Miller, J.-A (1989) "CST", IRMA: *Clínica Lacaniana: casos clínicos do campo freudiano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 9-11.

² Miller, J.-A., "O Um sozinho", *op. cit.*, aula de 6 de abril de 2011. Tradução livre.

³ *Ibidem*.

É possível pensar algo da suposição de saber na lógica do *parlêtre* e do inconsciente real? No curso “O Um sozinho” Miller assinala que “o S_2 do qual seria correlato [o S_1] não é mais que suposto”⁴. Então, na clínica do Um, que não faz laço, seria possível pensar alguma suposição do lado do S_1 ?

Dois anos antes, em *Sutilezas analíticas*, Miller dá uma pista que permite outro desdobramento da noção chave da “suposição” em relação ao gozo: “a expressão *um gozo de impossível negatização* diz outra coisa. Aponta para o que Lacan chamava de *uma suposição da experiencia analítica*”⁵. Miller retoma a *suppositio* da escolástica, ou seja, “o que é evidente e que situamos embaixo do que se diz”⁶. Indicando que há uma segunda suposição: “a suposição da substância gozante, do corpo suposto gozar. Se não houvesse um corpo suposto gozar, não haveria psicanálise. Não basta o sujeito suposto saber”⁷. Destaco que a nível do *parlêtre*, o SsS não basta.

No caminho rumo ao XI ENAPOL poderemos nos interrogar sobre a suposição do gozo do corpo, como colocá-la e jogo nas entrevistas preliminares e na precipitação do sintoma analítico.

Tradução: Bruna M. Guaraná

Revisão: Paola Salinas

⁴ *Ibidem*.

⁵ Miller, J.-A., (2011) *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 186.

⁶ *Ibidem*. p. 186.

⁷ *Ibidem*. p. 186.

VARIACI**õ**ES



lacan

“Estamos na posição paradoxal de sermos os casamenteiros do desejo, seus parteiros, aqueles que presidem a seu advento”.

Lacan, J., (1958-1959) *O Seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação*, Trad. de Claudia Berliner, Rio de Janeiro, Zahar, 2016, p. 518.

“Se faço análise é porque de meu modo de gozar extraio uma insatisfação que me obriga a fazê-la [...]”.

Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, Trad. de Vera Avellar Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 130.

Tradução: Gustavo Ramos da Silva | Revisão: Paola Salinas

miller

proust

“Mas, as mais das vezes não se entendia nada, pois é uma música meio complicada para quem ouve pela primeira vez. Entretanto, quando mais tarde me foi tocada duas ou três vezes esta sonata, achei que a conhecia perfeitamente. Assim, não é errado dizer “ouvir pela primeira vez”. Se a gente, de fato, como julga, não entendeu nada na primeira audição, a segunda e a terceira seriam outras tantas primeiras e não haveria razão para que se compreenda algo a mais na décima. Provavelmente, o que falta na primeira vez não é a compreensão, e sim a memória. Pois a nossa, relativamente à complexidade das impressões com que se defronta enquanto ouvimos, é ínfima, tão breve quanto a memória de um homem que, ao dormir, pensa mil coisas que logo esquece, ou de um homem meio reduzido à infância, que não se recorda no minuto seguinte daquilo que acabamos de lhe dizer. A memória não é capaz de nos fornecer imediatamente a lembrança dessas impressões múltiplas”.

Proust, M., *Em Busca do Tempo Perdido. II À Sombra das Moças em Flor*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016, pp. 244.

Imagens: Grete Stern (1904/ 1999) foi uma designer e fotógrafa alemã nacionalizada argentina, aluna da Escola de Bauhaus.